

RENAZENCA

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

REDACTORES

Teixeira Duarte, Ayellar Andrade, Athanásio de Almeida,
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por três meses 1\$000
Por seis 3000

ASSIGNATURAS

CORTE

Por três meses 1\$000
Por seis 2400

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1878

NUM. 7

Expediente

Aos nossos assignantes, que ainda se achão em debito comigo, continuamos a regar o favor de man lassadar a importancia de suas assignaturas por cartas registradas pelo correio.

Os originais que não forem publicados não serão restituídos.

RENAZENCA

Rio 15 de Novembro de 1878.

De hontem data a nossa vida politica na comunhão dos povos livres.

Temos nos músculos a seiva exhuberante e o vigor possante da mocidade. Entretanto apresentamos aos olhos do mundo os symptomas de um povo já velho e decadente.

A ambição de governar, aspiração alta nobre e elevada, prostitue todos os caracteres, mesmo os mais fortes e melhores intencionados.

As bandeiras dos partidos estão rotas.

O povo ri-se e encara tudo com indiferença-mo esmagador.

Poucos são os que conseguem furtar-se à ambição e à indiferença.

Esses, os verdadeiros patriotas, esses que embora arrodes da vida publica a

acompanham atentamente, esses que preferem a obscuridade aos eufórios da ambição falsa e abastardada, esses chorão os males presentes na pátria, e buscam os ellos no futuro, pergunta amiga não desesperado de sua regeneração.

A política não faz parte do nosso programma. Somos ainda muito nogos.

Se sugerirímo-nos à mentes essas considerações é porque contemdamos com profundo pesar que até a mocidade, — esperança hoje, realidade amanhã — a mocidade deixa-se arrastar pelo torrente frenesia que nos assorberá.

O contagio é pernicioso: já invade os bancos escolares.

Já não ha espirito de classe. Este espirito nobre, que constitue associação, um dos principaes termômetros da prosperidade, da grandeza e da vitalidade de um povo, está morto entre nós!

Um egoísmo torpe nos isola.

Não ha esforço comun.

O nosso eu é tudo-absorve-nos completamente.

Aídeia é nada — sacrificando-la a interesses particulares, eis veas, a odios e paixões naquinhas.

Todo tentamento não é acatado com indiferença e succumbe ao basedouro victimia na irena estúda, do riso mofado, ou a falta de ambição.

straves de deslumbrantes pisões; nem sempre virejo no jardim de nescionização variegadas e gloriosas flores; nem sempre nos seduzem esses pequenos maldos, essa filhiliades que encerram tanto enredo, e tanto menino a existência.

Nem sempre.

Há-lí a dificuldade que bate o folhetinista, muitas vezes, para cumprir conscientemente a sua tarefa.

E é que acontece a *Sisyp* hoje. E entretanto, leitor, é preciso convergir convosco, forçosamente, absolutamente preciso. Assim me impõe a palavra de cavaliere empenhada, a obrigação contrahida.

Mas como?

hei de renegando as minhas theorias sobre o folhetim, embrenhar-me pelas escalofrosas alinhos, que nos conduzem as questões chamadas políticas, tão em voga nos tempos que correm?

Já é tempo de deixarmos de exhibir esse espectáculo contristador.

Já é tempo.

A indiferença e a ironia devem ser abolidas dos bancos escolares.

Havemos de combate-las e sempre.

Não fraquearemos.

A posição, modesta embora, que assumimos na imprensa e que estamos dispostos a sustentar, é um protesto vivo e eloquente contra estas duas ulcerações que corroem a mocidade.

NOTICIARIO

Nesta ultima quinzena fomos observados com os seguintes jornais:

Diário de Campos, Besouro, Domingo, Violeta, Astralidade, Mosaico-Ouro prestando, Arantio de Minas, Gazeta de Lorena, O Liberal, Gazeta de Sorocaba, Piracicabano, Baependiano, Celombo, Independente, Mirim, Jornal da Tarde, Gazeta da Victoria, Echo Liberal, Pirilampo, Século Paulo Afonso, Povo, Echo Feirense, Tribuna de S. Carlos e Caldense.

Agradecemos.

Jornal da Tarde. — Na florescente cidade de Campos apareceu mais um jornal com este título. Enviamos ao collega nossas saudações, agradecemos a remessa dos primeiros numeros, que temos recebido pontualmente. Permitaremos.

Não mil vezes não.

A política!

O que tem que ver o folhetinista com a apostasia do Sr. Lafayette; o republicano, com os raios do Sr. Gaspar, o tribuno, com as peuras de euro do Sr. Leônio, o moço, com as economias do Sr. Andrade, o plato, com as preocupações do Sr. Simabú, o velho, com a gramática do Sr. de Herculano, o legendario, com a quasi não existencia do Sr. de Villa-Bello, o barão rariamente, com a inviolabilidade de S. M. o poeta, o sábio?

Nada, absolutamente nada.

E mais ainda: se a indiferença é quasi que uma virtude n'esta terra, por que razão eu, baileiro folhetinista, eu que não tenho pretensões, eu que vivo só, segregado do bulício do mundo, eu um pântano ermo, não hei de possuir também essa quasi virtude? Porque?

FOLHETIM

O folhetim de um pequeno jornal literário e quinzenal, como a *Renascenca*, deve ser uma pegá litteraria para todos os paladares; unico, leveiro e superficial até.

Um catálogo de flores variegadas e singelas em que a combinação das cores, a suavidade do perfume e a simplicidade da modestia, ressumbrando, formam um conjunto admirável e atraente, que deleita a vista, falla aos corações e embriaga os sentidos com essa embriaguez suave e pura que não envide.

Um rendilhado de pequenas nadadas que cercão e matizam a vida e que resumem em si verdadeiras epopeias de gozos e venturas.

Mas nem sempre sentimos o espírito predisposto para devanear e perder-se pelas regiões góticas e douradas das cismas e da fantasia, por essas regiões onde, elevarados, vemos tudo

LITTERATURA

A PRIMAVERA

O sol entrava no signo do Taurus. Ao cahir monotono das neves do Apérpimo succederia a flor do espúndio alcar. Já começava a luta dos zéphiros e dos flexíveis ramos, cuja meiga canunicaiva o primeiro sorris da natureza.

A rosa ainda não tinha exhalado seus voluptuosos perfumes, perera a humilde violeta e balsamava as florestas, e milhares de folhas de um verde clara escapavam do seio dos belos ramos, fechados por um orvalho benefico. Cada folha cobria uma perla líquida e quando uma aragem fresca e agradável agitava a folhagem das árvores, gotas puras e limpidas humedeciam a terra; o inseto fílgazão se agitava sob a herba, e o passaro batendo as asas levava o ligeiro celeste.

Oh! Tivoli! filha de Tibur, e vós também, antigos monumentos das artes, os olhos podem ver ao mesmo tempo fugir de vossa tecnicidade o grado os nevoeiros para as regiões hyperbarcas e a secunda natureza cobrir vos de novas grandezas, semelhantes aos velhos da antiga Arcadia sentadas à sombra de um carvalho, e cercadas de flores por suas filhas.

Nesta estação dítesa, oh! Tivoli! eu piso, pela primeira vez, ter solo antigo. Meus olhos fitarão se avidamente em tua grande cascata. Nunca esse sublime espetáculo da natureza aparecerá mais imponente aos olhos do viador estupefacto.

As ondas do Anio, transfiguradas em uma imensa cascata, precipitavam-se com estrépito semelhante ao do trovão, na vista lucia que a natureza tinha cavado.

O Vezuvio resurecido magia com mirabolante paisagem. Oh! miraculosa harmonia! através do fragor confuso das vagas espirituosas, distinguia-se por intervallos a melódiosa canção do rossim.

Cidades soberbas, não será também tu? Assento, no meio de vossas prazeres fictícios e contrários, que eu hei escarpar o pamplão das casas e as bellezas do inverno. Rustico e selvagem habitação das florestas e das valles, não deixarei minha humildade li bilhão. E vós sumptuosas habitações das ciudades que g. hais por vira, as dou-

Eu a posso, leitor, sim, eu a posso, é como o indio indolente que se deixou levar por sua ligereza, pela correnteza do rio, cantando descalço e indiferente a tudo que o cerca, assim também deixei-me arrastar pela torrente da vida sem me preocupar com a política de nossa terra, sem meus ombros.

A politica?

O que é a politica entre nós?

O balde onde se consumem o tempo em questões fúteis, mesquindades, ianueis e, as mais das vezes, meramente pessas e repugnantes!

O minotauro dos principios e das idéias, das consciencias e das reputações!...

E o que deveria ser?

A arena vasta e franca a todos os caracteres libidinosos, a todas as intelligencias robustas e brilhantes; a arena das debates dos principios nobres e elevados; desses principios sublimes que postos em prática com criterio constituirão um

ras da vida campestre, vas sorris da profundeza a unica ideia de prolongar essa habitação nos campos durante estas longas e austeras intempéries que affligem essa molleza.

Ah! quanto é facil desmascarar estes poéticos e mentirosos amores de nossas mulheres e de nossa gente do mundo à vida campestre! Respondei, seres frívolos: encontráveis ainda encantos durante a estação das giadas e das neves? O' natureza, natureza! terás, pois sob as teclas dominadas, só amantes vulgares?

Agora deixemos os impotentes gelos da Suissa, esses brilhantes efeitos de luz que scintillam sobre suas pentes agudos, esses abissos, os precipícios colertos de uma superficie enganadora de neve frágil deixa-la qual estão occultos o desespero e a morte, os terríveis suspiros, a grutas sinuosas: transformem-nos para uma das las viadas ilustradas das menas antigas, não menos veneraveis que os picos elevados, vizinhos do céu, onde melhor ser vivo pode respirar.

Aí se desenvola e foge sob os altares um sol incansavelmente coberto de sua neve brillante, cuja extensão o olhar não pode medir, nem possuir por muito tempo a ninnatura e fadigantissima. Grupos imponentes de arvores de tronco-fenegrido levantam-se em massas callosas solitárias oceanas immóveis que reflecte myriades de luxos luminosos.

Os olhos entreterem-se deslizam-se em segundas desvios que pezar através destes longos ramos, sobras quais flores de neve, e desenhada enchem esplêndidas trevas, cujo fulgor era hauendo semelhante as das vagas do mar, suaves se reunido a solo por sua brancura intermitente.

Cedros, avos, sítivas, pinheiros de diversas espécies intercambiam estes grandes contrastes.

Sus folhas perpetuas avião ao mesmo tempo a simileza e a esperança da primavera; apesar de que em alguma escassez, a vista gosta de ali resolvidas.

Oh! que multílio de sensações amargas e penamentos horríveis assaltam a alma e opprime-a ora! que se vê perdido no meio destas valas solitárias.

C. POMPEUS.

(Continua)

inicial perante de grandeza e de prosperidade do meu povo.

Mas... silêncio!...

Que caminho errado ia em seguida!... Que coda tortuosa fôraste!

Besastralmente, em um instante, ia destraindo os halos contrariados em meu crivo, e o meu modesto programma de folhetinista, seih o querer.

A vontade nem sempre é forte e poderosa; frequentemente desce do seu trono de soberana solitaria, curta-se e deixa-se governar com a dulcidez e a paciencia passiva de uma creança.

Ali! d'aqueles que não reagem! Ali! d'aqueles que cruzam os braços!

Mois Sisypho reagiu logo após a queda.

E a sua vaidade curvada momentaneamente no jogo de um poder estranho e irresistivel, recorreu de novo a sua força muscular, e improua soberana.

PARTE SCIENTIFICA

A RENASCENÇA. OS INVENTORES (Conclusão)

III

Na idade media três sciencias disputavam o universo:

I.—Astrologia que se fundava em ligar os phenomenos humanos aos do mundo ideal.

2.—A alchimia que perseguia na materia, não só as leis da propria materia, mas, tambem os segredos de suas transformações.

3.—A magia que, juizando penetrar na causa essencial, lizongeava-se de encadear a natureza à vontade do homem. Fora e por cima das tres espheras agitadas do espirito humano, reinava a igreja, em que se resumia a totalidade da sciencia.

Inimigos da alchimia, cuja sciencia hermetica jngava-se superior ao dogma; inimiga da magia cujos encantos, lendas e chimeras ocupavam uma vasta regiao na alma dos simples; adversaria a essas sciencias fabulosas, a igreja sera amiga da verdadeira sciencia?

Na Polonia, nessa terra de todos os heroismos e de todos os martyrios, Kopernick seguindo a expressao de M. Humboldt, «bouteverso toutes les idées recues en astronomie», disse: — Uma longa e paciente observação me ensinou que a ordem, a grandeza, o movimento dos astros e dos mundos tinham tanta relaçao com a administração geral dos céus, que, em qualquer de suas partes, a menor causa não pode ser transportada, sem que todas as outras não se perturbem e o universo não se confunda.

Durante trinta e tres annos trabalhou elle para o livro das revoluções dos mundos celestes: —*De revolutionibus orbium coelestium*.

Depois Galileu, armado de um telescopio, confirmou o movimento da terra revelado por Kopernick; proclama-se o discípulo do grande Polaco; eleva-se às

Não mais, não, não mais o folhetinista se desvia do caminho por ele traçado.

Conversará mesmo nas horas de indisposição, com as flores, aspirará o seu perfume embriagador, e vagará nos parcos deslumbrantes da fantasia.

Não mais.

Mais tarde entao, quando as illusões, quais bandos de alcione que emigrão, o abandonarem; cutio elle depará peçarosa sobre o seu tombo, sobre esse tombo que sempre ha de lhe despertar n'alma gratas recordações, sobre esse tombo onde jazem tantos devaneios desfeitos, una corda de saudades.

Mas, empanha o desengano não lhe cresturá as azas, elle alçará o vôo e se deixará embalar docemente.

Quando se é moço vive-se de sonhos.
Sóchegos.

SISYPHO.

noções mais puras e mais altas; contempla as estrelas; descobre os satélites de Júpiter, o anel de Saturno, as fases de Vênus, etc.

A *Nova Astronomia* de Kepler, Galileu respondeu com as brilhantes páginas do seu — *Mensageiro dos astros*.

Jornalista sublime e sábio, revela à terra os annais de *Saturno*, de *Vênus* ou de *Hebe*.

Diálogo intellectual da Alemanha e da Itália; comunhão do globo e das estrelas.

O francês Bernardo Palissy disse, por sua vez:

* Só tenho por digno o céu e a terra. A todos é dado conhecer, e ler esse bello livro.*

Aí se funda a religião da natureza e da ciência.

E' o verdadeiro catholicismo. Não conheço outro.

Se os sólidos céos de Aristoteles e os céos místicos da idade media foram batidos por Kopernick, Galileu e Kepler; se as estrelas, esses *príncipes do aço e de um firmamento de cristal*, mularam-se em suas espaldadas no seio dos mundos; se meu ser em vez de abater-se n'um canto do universo onde a fatalidade o encadeia, pode dilatar-se incessantemente no meio de um oceano de vida sem limites; se a solidariedade do gênero humano estende-se além do tumulto e prolonga-se nas alturas e profundezas; se nós nos movemos, nós e todos os corpos do mundo; se em mim-sinto respirar a alma universal; se meu espírito sacia-se na fonte dos dias e se banha no eterno, o que me faltará?

AVELLAS ANDRADE.
(Tradução).

VARIÉDADE

UMA SÍNOSA VIDA

O quadro que vamos esboçar rigoramente não é um devaneio.

E' uma história lugubre, que l'angu e desespero e a morte d'alma de todos os personagens, alguns dos quais ainda existem, que n'ela tornaria parte.

E' um exemplo vivo para aqueles que com prepoténcia arremessam ao altar honesto das interesses vis e das conveniências estúpidas, crenças cheias de seiva, de crença e de esperança, e os amoldam seu piedade.

E' a história de duas almas grandes como a vastidão do sertão em que l'abriga, serenas como o limpido céu acerbal que as vêvam, bellas e pecheas como a natureza que as cercava.

A história de dois corações que se encontraram, por ocasião, um dia, na infusão da devoção, no desencontro da tarde; n'esse lhe ir melancólica e temida em que o horizonte infindável exprime uma tristeza, o cair das folhas uma saudade, o canto das aves um poema, o perfume das flores um idílio, e os rumores confusos da mata fália de amor e esperança.

A historia de dois entes que virão-se, trocarão um rápido olhar, um desses olhares misteriosos e profundos que fazem estremecer a quem os confronta, um desses olhares mágicos, expressivos e que tanto fallão ao coração e amarrão-se.

Ha destes fenômenos na vida real.

Não se os encontra somente na imaginação fértil e inventiva dos poetas e romancistas.

E' que o amor é caprichosa e incompreensível; brota, às vezes, sem que o presintamos; fulmina-nos com a instantaneidade do raio.

E' que o coração do homem é um mistério insólito, o perigo!

Perfurado; descarnado com o estípite implacável da análise, e após vossas pesquisas encontrarás o que?

Um composto inmatável de antíteses, misto de trevas e luzes, vícios e virtudes, alegrias e dores.

O cabido incessante do bem e do mal, duas potências titânicas, verdadeiros anfíbios, que se chocam, ora vencidos, ora vencedores, sem se despedaçarem.

Tal é o coração humano.

Tal é a história da humanidade.

Não longe das margens de um pequeno regato cujas águas rolão sussurrantes por entre um leito pedregoso e pouco profundo e vão confundir-se com os do Parnashyha, na meio de uma paisagem agreste, explendida, onde a natureza patenta todos os seus variegados primores, à beira de uma mata espessa, luxuriante, vê-se ainda hoje uma casa, denegrida pelo tempo, de construção pesada, bastante espessa, tendo em cada extremidade uma escada de pedra, obra grosseira e antiga.

Em frente se eleva m'gostosa das renques de palmeiras gigantes e imponentes.

Hoje abandonada, servindo de abrigo aos malfeitos e às aves noctívagas, a *Casa Grande*, assim era essa embocada, este espetro de pedra erguido no solitário, inspira um certo terror supersticioso aos sertanejos, que não ousam abordá-la. Contudo a seu respeito milhares de histórias fantásticas; dessas histórias ron que se entreteêm os filhos do sertão, nas longas e enfadonhas horas da noite.

Na época em que se desenrolou o drama, que vamos narrar, a *Casa Grande* não gozava ainda dos prós de encantada, ce no hoje, era, no contrário, uma rara propriedade cheia de animação e de vida, habitada por uma distinta e antiga família, cujo chefe, o Sr. Pedro da Silveira, a recebera em patrimônio.

Baxa, musculoso, já velho, mas dotado de um vigor pouco comum em sua idade, trabalhador infatigável, agradável seu ser affectionado, Pedro da Silveira era o tipo de homem methodico e pratico por excellencia.

Enegreço até a prepoténcia, severo até a crueldade.

A sua vontade era absoluta.

A numerosa escravatura que o servia tremia submissa ao seu olhar.

Havia, contudo, um cale ante o qual essa vontade de ferro, essa energia indomável algumas vezes se curvava; um ente que, tendo uma certa influencia sobre esse homem de bronze e exerceia, ora com carinhos, ora com lagrimas,

para melhorar a sorte miserável dos infelizes escravos.

Pedro da Silveira era pse.

Esse ente era sua filha.

Maria era a alegria dos habitantes d'aquele solitário, o anjo tutelar dos miseráveis filhos da África.

Morena, mas deste moreno embriagador que exalta e transtorna os sensílos, allucina o espírito e que só se encontra nas filhas predestinadas do atraido sertão, grandes olhos negros, resgados, profundos, boca pequena, mimosa, artisticamente modelada, fronte ampla, inteligente e emoldurada por longos e bastos cabelos negros, que lhe pendiam graciosamente sobre as espáduas, andar angulado, mas cheio de nobre atitude, corpo aereo, vaporoso, formas correctas e puras, alma sensível, terna e apaixonada, tal era Maria. Uma formosa rara e estranha, uma belleza peregrina, irresistivel.

0.

(Continua.)

POESIAS

MEDITAÇÃO

O sol vai se occultando
Nas tuvas do occidente
Formando um mar de fogo...
Que quadro surpreendente!
Oh' que hora tão saudosa!
A tarde como é bella!
Estruge a ventania...
E o sino da capella
Eis vibra—Ave-Maria.

No campo esvoaçando
Os lindos passarinhos
Em busca vão saudosos
Dos seus amados ninhos.
E o timido rebanho
O humilde pegureiro
Conduz a certo abrigo.
E o lasso caminhheiro
Se acolha à teuto amigo.

O rubro reverbero
Do sol sem magestade
Nas águas se reflecte.
Do lago com saudade.
E os lenhos dos barqueiros
Se cruzão tristemente,
E os garçons alvejantes
Deslizão mansamente
Em bandos fluctuantes.

Minh'alma se electriza
Nest' hora de tristeza;
De um ser omnipotente
Eu penso na grandeza
A fronte scisundora
Inclino sobre o seio,
E o rôo da divindade
Eu tento com receio
Solevar... vaidade!

Depois triste medito
No que vida se chama :
— Um nada quo ante a morte
Se extingue,— vaga chama !
— Um nada cercado
De gozo e dissabores
De luz, trevas, misterios,
De soñezes, horrores,
E sonhos deleteries !...

Então agras saudades
Invadem o meu peito,
— Tantalo dos prazeres—
As imagoes sempre afeito,
Na immensidão os olhos,
Escuros pelo pranto,
Fitanto entristecido,
Ao lar modesto o canto
Envio um ai sentido.

o.

O LOUCO

No mato azulado
A lata fêmea
Lançava, vícosa,
Seos raios de inz;
E as belas estrelas
Nos ares rolando
Formavam, brilhando,
Nos céos r'na cruz !

A noite era linda
As pálidas flores.
Deixavam odores
Nos prados reiar;
E as folhas das arvores
Trémendo orvalhosas,
Brilhavam formosas
A inz do lar.

Ouvia-se no longe,
No campo fogueiro
De um liso fogueiro
As aguas colar
E um esôo tristonho
De um canto sentiu,
De mais foragido
Se envia fallar:

* As nuvens nos ares
Já correm fagueiras,
Fugindo ligeiras
P'ra o leito adorada.
* Vem ver, oh! querida
Millhares de estrelas
Que brilham tão bellas
Na céu azulado.»

* Oh! vera... E tão bello
Fular-se de amores
No mato das flores
A inz do lar:
Nas v'ns ? En ja sinto
Meu po'lo gelado...
Oh! sou desgraçado
Já chega o penar !

* Ingrata ! Benalizes
Do peito os soffres
Que out'ora prazeres
Te deu a gozar ? !

Vae... Foge !... Qu'importa
São falsos amores...
E eu soffro mal dores!
Já chega penar ! »

* Son bonco perdeu
Donselha querida.
Perdoa... esta vida
Não quero ter já !...
Ah ! Daos ouve as preces
De um louco prostrado,
De um sov desgraçado !
Sóis grande, Jeovah.»

Calou-se. Eu velo
Morre !... Desgraçado,
Jazia prostrado
Por causa de amor !...
Ao lado uma lyra
Na relva lançada,
Mostrava quebrada
Ser louco o cantor !

AVELLAR ANDRADE.

MISCELLANÉAS

Certo individuo, muito ignorante, enviando dizer que por baixo da terra há outros habitantes que se chancavam antipatas, os quais tinham os pés em oposição aos nossos, de modo que, se fosse possível fazer uma cova que chegasse à outra extremidade da terra nos convenciamos dessa verdade.

Uma tarde que devia mercendar com alguns amigos no seu jardim, mandou meter no poço varias garrafas de vinho para que estivesse mais fresco, quando fosse para-meza. Fali a poucos, passando por p'ra do jongo e vendo a sua sombra no fundo chamei logo pelo criado, e lhe disse: Homem, leia já essas garrafas d'água para fôrta, seção, olha que aquelle antípoda que tu ouviu d'abutu deixa-nos fcar' sua p'raga de rinha.

Sexto V, antes de ser eleito papa, andava sempre muito enviado e arrimado a um bordão, afastando ser doente, e mais idoso do que na realidade o era.

Perguntando-lhe certo caricai, logo depois de sua elevação ao pontificado, qual era a razão porque já não usava de bordão e andava tão direto; respondeu: « Porque já achei o que procurava. »

1—1—1—2. Um tempo indispensável devia que não fique sob pena de soffres, e se fôres dar-te-ha em recompensa uma flor. O conceito é dispensável.

1—2. Esta verbo corre na Sibéria sendo milheiro.

2—1. Esta planta no corpo é do ôdo.

Dumontin, quando estava para morrer, dizia: « Deixo após mim tres grandes medicos. » Como os seus collegas lhe pediam que se explicasse, porque cada um delles julgava ser comprehendido no numero dos tres, disse Dumontin: « A agua, o exercicio e a dieta. »

1—1—1. Não sendo boa está sempre alegre na musica.

O DOMINGO

Não causou-nos estranheza a resposta que nos deu o redactor do *Domingo* em seu numero 43.

Nem todos são delicados,

Nós, porém, que somos *ignorantes e bútidos de scienças ciêntificas*, perguntamos ao supriedissimo redactor: Porque não nos mostrou na *Renascença* a phrase seguinte: « A sciença da cegueira ter por meio o vicio de conhecer », que disse ser textual ?

Talvez que ficasssemos confusos, porém o sabio collega ha de convir que ficou mais que nós.

E teve razão... Como é que podia mostrar-nos na *Renascença* uma phrase que ele havia forjado para extrair-nos?

Fugindo da questão, mostrou-nos o collega uma phrase que na verdade havia sahido erradamente no nosso 1.º numero que o *Domingo* que o seu numero 40, que se reservara para a sua *caricatura* da imprensa.

Convencidos do erro do redactor, estamos, apesar de ter o *Domingo* criticado a *Renascença*, estando embora, assinalado o artigo. Porém a phrase enigmática, que afirma o collega ser textual, deve procurar-se no 5.º numero da *Renascença*, pois que o *Domingo* que della deu noticia é o do n.º 40, que succedeu a esse numero.

Ainda perguntamos ao collega:

Porque não mencionou-nos o numero 40 do *Domingo* ?

Um dos nossos collegas que de porto conhece o *xabô* redactor, pediu-lhe esse numero o que ficou em premessa, por assim convir...

Se o possuir deve mel-o a um amigo.

Se o collega mostrar-nos a supradicta phrase, pedir-lhe haremos mil desculpas, por haver-lhe fachado de caluniar!

Quanto a es mais o que nos aponta o collega no 6.º numero, pedimos-lhe para attender a corrigenda que damos.

Não temos, momento alguma, tanto tempo como o redactor do *Domingo*, e nem tão pouco tanta prática, razão pela qual escapamos alegros erros na revisão das provas. Na arranjamos revisor porque é nossa illa praticar e aprender.

ERROS. Pela 1.º sa com que foi tirado o nosso numero passado, n'elle sahram alguns erros, que pedimos aos nossos leitores queiram corrigir do seguinte modo:

Onde se 16—diziu, —na pag. 1 col. 2.º, leia-se—delirio. Na mesma pag. o col. onde se 16—Morat leia-se—Marat. Na mesma pag. col. 3.º em vez de—Entre nosso seculo, leia—Entre Marat e o nosso seculo. Na mesma pag. o col. Hinha 21 em lugar de—evitar leia—se—elitar.

POLHETIM

Na pag. 1 col. 1.º onde diz—derrama, leia-se—terrâme. Col. 2.º onde diz—o satisfazer-lhe, leia-se—satisfazer-lhe. Pag. 2 col. 2.º em vez de—sois, nome leia—se—soi même. E em vez de—evoluções respiradas, leia-se—evoluções rápidas. Col. 3.º, em vez de—o a erraria, leia—se—o a que erraria. E em vez de—pode ser substituir, leia—se—pôr ser substituído; e por que não leido substituir (?)